

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias
Contemporâneas

Isabella Santos Ramos

CLUBE FOTOGRÁFICO NA ESCOLA
**As práticas artísticas da fotografia contemporânea e suas potencialidades para
pensar além da sala de aula.**

Belo Horizonte

2023

Isabella Santos Ramos

CLUBE FOTOGRÁFICO NA ESCOLA

As práticas artísticas da fotografia contemporânea e suas potencialidades para pensar além da sala de aula.

Monografia de Especialização em formato de artigo científico apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Prof. Dr. Márcio Mota Pereira

Belo Horizonte

2023

Ficha catalográfica
(Biblioteca Prof. Marcello de Vasconcellos Coelho - EBA- UFMG)

707
R175c
2023

Ramos, Isabella S., 1991-

Clube fotográfico na escola [recurso eletrônico] : as práticas artísticas da fotografia contemporânea e suas potencialidades para pensar além da sala de aula / Isabella Santos Ramos. – 2023.

1 recurso online.

Orientador: Márcio Mota Pereira.

Monografia de Especialização em formato de artigo científico apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas. Inclui bibliografia.

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Fotografia. 3. Arte e educação. I. Pereira, Márcio Mota. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DA DEFESA DO TRABALHO FINAL DE ISABELLA SANTOS RAMOS

Nº. DE REGISTRO: 2021703554

Às 20 horas e 15 minutos do dia 12 do mês de julho de dois mil e vinte e três, reuniu-se remotamente, por meio de mídias digitais, a Banca Examinadora indicada pela Coordenadora do **CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS - CEEAV**, do Programa de Pós Graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA da UFMG, constituída pelo Prof. Dr. Márcio Mota Pereira (Orientador/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG) e pela Profa. Dra. Sônia Aparecida dos Anjos (Membro da Banca Examinadora/ Rede Municipal de Educação de Juatuba), para julgar o trabalho final intitulado: **“CLUBE FOTOGRÁFICO NA ESCOLA: AS PRÁTICAS ARTÍSTICAS DA FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA E SUAS POTENCIALIDADES PARA PENSAR ALÉM DA SALA DE AULA”**, requisito parcial para a obtenção do Grau de **ESPECIALISTA EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS**.

Abrindo a sessão, o Orientador Prof. Dr. Márcio Mota Pereira, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final de Curso, passou à palavra à estudante, para a apresentação de seu trabalho.

Seguiu-se a arguição pela Banca Examinadora, com a respectiva defesa da estudante. Logo após, a Banca Examinadora reuniu-se, sem a presença da estudante e do público, para julgamento e expedição do resultado final.

Pelas indicações o estudante foi considerada **APROVADO**.

Prof. Dr. Márcio Mota Pereira (Orientador/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG) – **100,0**

Profa. Dra. Sônia Aparecida dos Anjos (Membro da Banca Examinadora/ Rede Municipal de Educação de Juatuba) – **100,0**

Conceito Final: **A**

Nota: **100,0**

Considerações finais da banca examinadora:

A banca destaca o trabalho de excelência apresentado por Isabella Santos Ramos.

Sua pesquisa realiza uma abordagem que proporciona uma visão geral da importância da fotografia como meio de expressão artística e como ferramenta educacional. Também oferece um panorama das principais observações a serem consideradas ao retratar o espaço escolar por meio da fotografia. Possui relevância, originalidade e consistência.

O resultado foi comunicado publicamente à estudante pela Banca Examinadora. Nada mais havendo a tratar o Orientador Prof. Dr. Márcio Mota Pereira encerrou e lavrou a presente ATA, que será assinada digitalmente por todos os membros participantes da Banca Examinadora.

A Coordenação CEEAV comunica que a estudante terá até 30 (trinta) dias para apresentar a monografia corrigida/ versão final, a partir da data de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso.

Belo Horizonte, 12 de julho de 2023.

Profa. Dra. Gabriela Córdova Christófaru/ Coordenadora CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG

Prof. Dr. Márcio Mota Pereira (Orientador/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Profa. Dra. Sônia Aparecida dos Anjos (Membro da Banca Examinadora/ Rede Municipal de Educação de Juatuba)



Documento assinado eletronicamente por **Márcio Mota Pereira, Usuário Externo**, em 15/08/2023, às 11:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Cordova Christofaro, Coordenador(a) de curso**, em 24/09/2023, às 22:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sonia Aparecida dos Anjos, Usuário Externo**, em 29/09/2023, às 07:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2531492** e o código CRC **8B98BD7E**.

CLUBE FOTOGRÁFICO NA ESCOLA

As práticas artísticas da fotografia contemporânea e suas potencialidades para pensar além da sala de aula.

RESUMO

O presente artigo constitui-se como ferramenta avaliativa final da Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas, ofertado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Para a composição deste texto, trataremos aqui um breve relato de experiência sobre o processo de criação e desenvolvimento de um clube de fotografia amadora realizado em uma escola pública de ensino médio em Montes Claros - MG. Tratam-se de considerações sobre a realização de uma prática artística integrada em formato de projeto e possíveis aberturas conceituais e práticas desse tipo de atividade na escola. As reflexões docentes acerca do processo de ensinar fotografia objetivam problematizar o exercício que nos dá a (re)conhecer o espaço através das imagens que produzimos e reproduzimos sobre ele. Nossa intenção é estudar as potencialidades de criação e percepção do espaço habitado que, apesar de começarem na escola, extrapolam o espaço educativo, mas, ainda sim, ensinam, e têm na arte fotográfica seu fio condutor.

Palavras-Chave: arte-educação; fotografia; narrativa visual.

SCHOOL PHOTOGRAPHIC CLUB

The artistic practices of contemporary photography and the potential to think beyond the classroom.

ABSTRACT

This article constitutes a final evaluative tool of the Specialization in Teaching Visual Arts and Contemporary Technologies, offered by the School of Fine Arts of the Federal University of Minas Gerais. For the composition of this text, we will bring here a brief experience report on the creation and development process of an amateur photography club held in a public high school in Montes Claros - MG. These are considerations about carrying out an integrated artistic practice in a project format and possible conceptual and practical openings of this type of activity at school. The teaching reflections about the process of teaching photography aim to problematize the exercise that allows us to (re)know the space through the images we produce and reproduce about it. Our intention is to study the potentialities of creation and perception of the inhabited space that, despite starting at school, go beyond the educational space, but still teach, and have photographic art as their guiding thread.

Key Words: art-education; photography; visual narrative.

SUMÁRIO

1	ANTES DE TUDO, O LUGAR...	8
2	CURRÍCULO X PRÁTICA	11
3	FERRAMENTAS DE ENSINO E AVALIAÇÃO	13
4	TÓPICOS RECORRENTES	17
5	CONCLUSÕES	24
	REFERÊNCIAS	27

1. ANTES DE TUDO, O LUGAR...

Entendemos o relato de experiência como um campo fértil para a reflexão docente. Nesse sentido, pretende-se abordar aqui as atividades desenvolvidas num projeto de clube de fotografia, denominado Clube de Fotografias do Eloy, que foi realizado por cerca de dez meses em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Neste artigo, pretendemos compartilhar essa experiência docente, que entende o espaço educativo que, apesar de ter uma delimitação territorial específica, é um lugar que educa para além do que está posto em seus limites físicos e também através das visualidades que (re)produz.

As atividades desenvolvidas aconteceram entre outubro de 2021 e dezembro de 2022, período de vigência do edital do Programa de Iniciação Científica na Educação Básica – ICEB, ofertado pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais – SEEMG, e que busca fomentar o protagonismo jovem em atividades que estimulem as habilidades próprias do processo de pesquisa já na educação básica. As propostas inscritas deveriam conter objeto e problema de pesquisa, objetivos claros e cronograma de desenvolvimento. O projeto deveria ser elaborado prioritariamente para grupos de 10 a 12 alunos, e integrar em suas discussões características particulares de cada comunidade escolar. Para tanto, seriam ofertados cinco horas/aula para os alunos participantes, no contraturno de suas atividades escolares.

Nosso objetivo principal estava voltado para o aprendizado da técnica de fotografia digital, já que esse era um interesse comum de todos os alunos, demanda que pudemos observar nos últimos anos, com o desenvolvimento tecnológico e a facilidade em se obter imagens digitais por meio de aparelhos telefones celulares móveis do tipo smartphone. Logo, falar sobre fotografia e produzir imagens digitais é uma atividade corriqueira por parte dos alunos, para além de se alinhar com as formas de sociabilidade contemporânea, muito ligadas à produção e compartilhamento de imagens.

Essa nova sociabilidade, conformada pela constante retratação e compartilhamento de imagens, é entendida por Francisco Coelho dos Santos e Cristina Petersen Cypriano (2014) como ferramenta, experiência e instrumento de participação e cooperação no contexto de individualidades e de coletividades:

Todavia, para além das novidades tecnológicas que contribuem decisivamente para a construção de novos quadros de referência para as ações individuais e/ou coletivas, as dinâmicas que se encontram em operação nesses quadros são primordialmente sociais e culturais. (SANTOS e CYPRIANO, 2014, p. 66).

Deste modo, entendemos que ferramentas de compartilhamento de imagens em redes sociais e até mesmo o próprio exercício contínuo de registros fotográficos digitais de espaços e de momentos do cotidiano se configuram como exercícios de individualidade e sociabilidade contemporânea.

Consideramos que apesar de as imagens de nosso projeto não terem sido criadas tendo o compartilhamento em redes sociais como seu objetivo final, os processos de sociabilidade de que envolvem os alunos e que são decorrentes desse processo se fundamentam nessas bases, o que acontece hoje com muito mais intensidade do que nas gerações anteriores.

A diferença entre as imagens produzidas pré e pós a criação das redes sociais, como o *Instagram*, é ressaltada pelo discurso narrativo criado em torno dessas produções, de acordo com André Lemos e Leonardo Pastor (2018), que entendem a produção de imagens para o compartilhamento na contemporaneidade como uma experiência complexa, que não necessariamente estão associados à memória ou valores estéticos, mas que se referem a um processo interacional, que engendra buscas por conexões e similaridades. Para os autores:

(...) a prática da fotografia digital em redes sociais significa menos a fixação de uma memória de momentos solenes, de cuidado com a imagem, e mais de contato com o outro, de compartilhamento de sentimentos imediatos, de formas explícitas de sociabilidade com metadados que extrapolam a imagem. (LEMOS e PASTOR, 2018, p. 13).

Os autores tratam da prática conversacional dos dados das imagens produzidas para compartilhamento digital associadas a metatextos. Ainda que nossa prática educacional não tenha objetivo similar, a aproximação teórica se faz necessária, para que pensemos de forma análoga nas movimentações que elaboram e interferem em nossas percepções sobre os espaços:

Processos de espacialização são relações sociotécnicas na constituição de territórios, lugares e espaços. A ação humana, através de símbolos e artefatos, cria formas de controle (território) que, em dinâmica extensiva e temporal, constituem os lugares. Estes, por associações, produzem o espaço. A ação humana é intrinsecamente espacializante. As mídias, como artefatos de ação da presença humana no espaço e no tempo, permitem formas de leitura e escrita do espaço, inscrevendo as relações sociais (LEMOS e PASTOR, 2018, p. 17).

Logo, o processo de espacialização perpassa a produção das imagens e os significados associados a elas, para pensar as relações estabelecidas com o local retratado, em nosso caso o espaço escolar. Entendendo melhor a dinâmica social na qual estamos inseridos, não seria possível perscrutar a sociabilidade do ambiente escolar e as novas experiências de individualidade por meio dos pontos de vista de cada autor, a partir das imagens que foram produzidas em nosso percurso formativo?

Ao pensar sobre a estrutura física da escola, os seus pontos positivos e negativos, no nosso trajeto de ida desde nossa casa e também no retorno, temas espontâneos foram se manifestando a cada análise de imagens, dentre outras tantas possíveis questões que acabaram por delinear o fazer artístico e, por conseguinte, o projeto de pesquisa do grupo.

Inicialmente, pensava-se na utilização física do espaço escolar como objeto para estudar conceitos próprios da aula de fotografia: iluminação, composição, regra dos terços, etc.. Nesse sentido, é fundamental que se conceitue o que ele pode significar: se empoderar do espaço habitado. Logo, foi necessário refletir sobre a percepção do espaço escolar e o que ele representa para os estudantes que o ocupam antes das práticas de produção de imagens.

Ao tratar de espaços literários, Luis Alberto Brandão (2007, p. 207) os compreende como uma categoria de representação e “como conteúdo social – portanto reconhecível extratextualmente – que se projeta no texto”, ou, em nosso caso, nas imagens. Apesar de o autor falar sobre o espaço na literatura, nos apropriamos aqui da ideia, transportando-a para a imagem de um local físico, pois em ambas as linguagens estão presentes os exercícios de percepção e representação, que ocorre tanto pela poética dos autores quanto pela leitura de seus espectadores.

Além disso, entender e expandir o significado de espaço escolar foi fundamental em nossa experiência, nos levando a questionar a percepção individual e coletiva desse ambiente, e quais os desdobramentos possíveis a partir dessas percepções. Lembramos que quando inseridos na educação formal, frequentamos o espaço escolar por, pelo menos, 12 anos (pensando as etapas da Educação Básica, Ensino Fundamental e Médio) e é por isso que o entendemos subjetivamente como sendo este um lugar de pertencimento ou trânsito.

Assim, compreendemos que este relato é importante, por ser uma oportunidade de registrar a reflexão docente, divulgá-la e repensá-la. De que forma nossos estudantes percebem o espaço escolar e como isso pode ser problematizado ou potencializado em nossas aulas de Arte?

2. CURRÍCULO X PRÁTICA

Para realização de nossas atividades no clube de fotografia, ficou acordado que nos encontraríamos semanalmente, no turno da tarde. Todo o grupo passava cerca de cinco horas e meia na escola diariamente, nas atividades discentes regulares, e o clube de fotografias era a única atividade extraclasse ofertada naquele momento. As oficinas semanais tinham cerca de quatro a cinco horários de duração, e deveriam acontecer obrigatoriamente dentro dos muros da escola, por questões de segurança.

Pensando na nossa experiência de aprendizado, definiu-se que o conteúdo de fotografia seria ensinado em três etapas. A primeira etapa destinada ao estudo da história da fotografia, como o uso da câmara escura para entender o princípio da formação de imagens em câmeras fotográficas analógicas, seguido dos princípios básicos para aumentar a qualidade das nossas fotografias, como questões da influência da iluminação dos espaços e sobre os objetos, composição das imagens a serem retratadas e, por conseguinte, a regra dos terços.

No segundo momento, passamos para a parte prática, com oficinas de colagem digital, revelação de fotografia analógica, técnicas alternativas de impressão, como a cianotipia (impressão com os sais de ferro: ferricianeto de potássio e citrato férrico amoniacal) e antotipia (impressão com sumos de plantas, como a beterraba e a raiz de açafrão), aulas de fotografia com máquina analógica e digital – esta última a mais

utilizada, de acordo com o cronograma de ações proposto. Todas as práticas de retratação sempre tinham por tema o espaço escolar. Logo, a forma como nós observávamos esse espaço foi se revelando aos poucos.

A terceira parte se refere às atividades externas, que foram visitas técnicas que o grupo realizou ao Centro Cultural do Banco do Brasil – CCBB, em Belo Horizonte – MG, para uma aula sobre cultura e patrimônio, e também ao Instituto Inhotim, em Brumadinho – MG. No Instituto Inhotim, o nosso objetivo era conhecer um grande espaço de exposição de arte contemporânea, para entender melhor como esses espaços funcionam e quais são as suas possibilidades de atuação, já que o grupo nunca tinha tido nenhuma experiência nesse sentido.

Pensamos ser esta uma boa forma de contemplar as dimensões do “apreciar” e do “contextualizar” nas aulas de Arte, considerando a Proposta Triangular postulada por Ana Mae Barbosa. O exercício de reflexão a partir daquilo que se vê, a partir do fruir, é realizado com mais naturalidade quando nos colocamos em movimento. Este movimento também nos orientou conceitualmente, uma vez que o fruir de outras práticas artísticas fez com que os alunos refletissem sobre a sua própria prática artística, preparando-se para a etapa final de nosso percurso: uma exposição fotográfica pensada e produzida pelos próprios estudantes, que aconteceu no Museu Regional do Norte de Minas, em Montes Claros – MG. A exposição ficou aberta ao público pelo período de trinta dias, e nela os visitantes puderam apreciar trinta fotografias digitais de autoria do grupo, assim como alguns trabalhos de colagem e impressão – técnica de cianotipia, realizados pelos mesmos nas atividades iniciais de nosso percurso formativo.

Considerando os processos do fazer que envolvem a prática fotográfica, a apreciação de suas próprias produções e das produções de outras pessoas, bem como as atividades de contextualização e reflexão sobre o espaço habitado e suas especificidades (sociais, históricas, geográficas...), entendemos que nosso percurso formativo se sustentou na Abordagem Triangular:

A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-moderna por tudo isso e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula, sendo esta articulação o denominador comum de todas as propostas pós-modernas do ensino de arte que circulam internacionalmente na contemporaneidade (BARBOSA, 1998, p. 41).

Nesse sentido, considerando a carga horária de nosso processo formativo, a quantidade de estudantes envolvidos, a metodologia de trabalho organizada entre a produção e a discussão e até mesmo a duração da execução de algumas técnicas, percebemos que nossas práticas, ainda que respaldadas teoricamente e dedicadas a aprofundar conhecimentos e experiências próprias do campo epistemológico da Arte, não se encaixariam nos moldes propostos pelo currículo de referência nas aulas regulares, com cinquenta minutos de duração cada, e periodicidade semanal.

A partir da experiência realizada no clube de fotografia foi possível inter-relacionar o desequilíbrio entre o tempo dispensado às aulas de Arte no ensino regular e o que orienta o currículo. Ainda que o ensino do conteúdo Arte seja componente curricular obrigatório, conforme a Lei nº. 9.394, de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que visa a promoção do desenvolvimento cultural dos estudantes, entendemos que o tempo dispensado à disciplina é insuficiente para contemplar o aprofundamento de aprendizagens que sejam verdadeiramente significativas em nosso campo de conhecimento.

3. FERRAMENTAS DE ENSINO E AVALIAÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem nas aulas de fotografia no espaço escolar também nos levou à busca de ferramentas que incentivassem a prática de um olhar mais atento sobre esse ambiente. Nesse sentido, foi criada uma ferramenta de ensino, denominada a fechadura-moldura. Esta ferramenta foi criada para que os estudantes pensassem a imagem a partir do ambiente tridimensional, treinando o olhar para isolar visualmente os elementos durante o processo de criação de suas fotografias.

O suporte de fabricação partiu de uma moldura fotográfica no tamanho A3 (moldura maior) e uma placa de papelão (material escolhido por sua resistência) no tamanho A4 (moldura menor). Esta última possui um espaço vazado equivalente ao tamanho de uma forma geométrica quadrada de 15x15cm. Ambas as partes foram pintadas com spray na cor preta, para diminuir a interferência de cor no momento de contemplação da imagem que se forma dentro. A placa de papelão ganhou furos em suas quinas e foram conectadas em cada uma delas por um elástico à moldura maior, o que garante que a moldura menor se movimente de maneira mais direcionada e

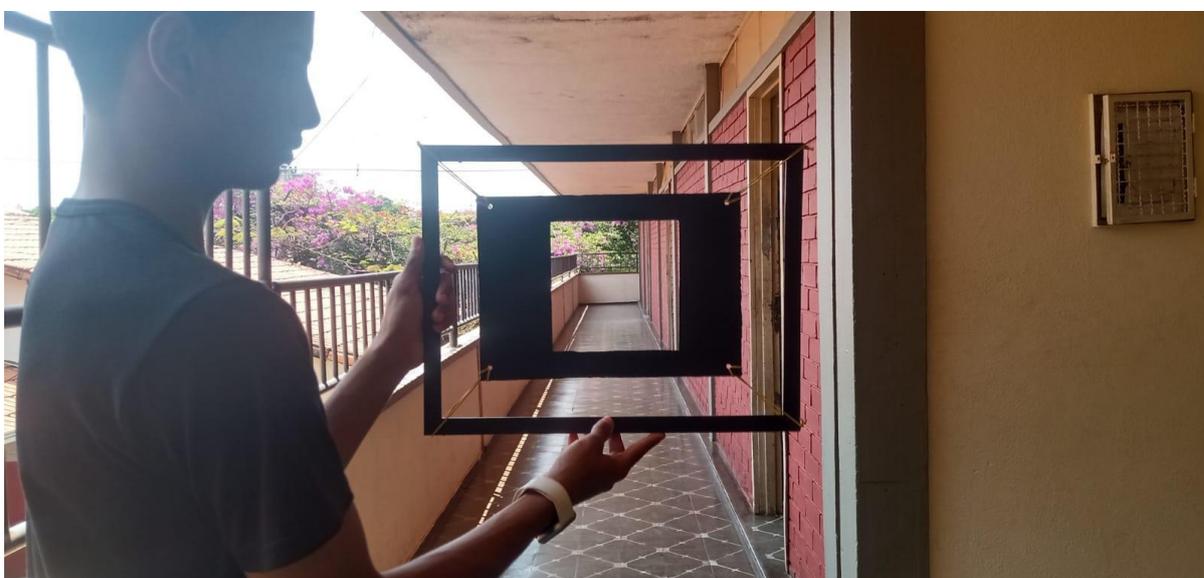
sem se soltar durante a observação de espaços tridimensionais. A ideia é que, tendo escolhido uma direção, ângulo de visão e objeto, o estudante que movimenta a moldura menor possa “passear” pela cena que irá retratar e experiencie seus detalhes de maneira mais atenta.

Imagem 1 – Aluna segura fechadura-moldura deslocando o detalhe de sua visão para o lado direito. Pelo ângulo de nossa foto, outro aluno aparece em detalhe a partir do ponto de vista de quem registrou a imagem.



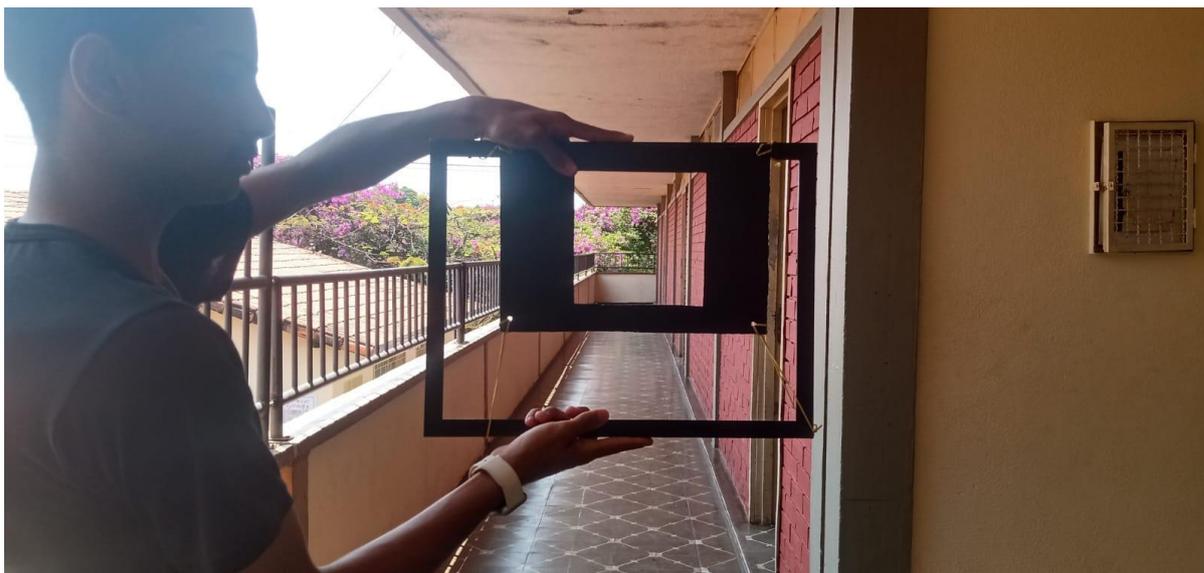
Fonte: Acervo Pessoal.

Imagem 2 – Aluno segura a fechadura-moldura de modo a exemplificar o campo de visão de quem usa a ferramenta.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 3 – Aluno desloca a fechadura-moldura para cima, alterando o ponto de destaque de sua observação.



Fonte: Acervo pessoal.

Para a explicação desta ferramenta pedagógica partimos aqui do conceito de chave e fechadura. Buscamos questionar com os estudantes: O que se vê pela fechadura? O olhar é a chave? Nesse movimento de observar detalhes de um ambiente aparentemente conhecido, o reposicionamento do olhar-chave e da fechadura-moldura a partir de um suporte fixo em uma direção isola um campo de visão, porém continua sendo móvel dentro desse campo e possibilita observar detalhes aos quais talvez não prestaremos atenção de outra forma.

O objeto possibilitou duas formas de ação. A primeira delas, já utilizada em ferramentas similares, é a observação de campos específicos de imagens já impressas e colocadas sob uma superfície plana. Nesse sentido, é possível observar mais atentamente os detalhes daquilo que já foi feito. Em sua segunda forma de ação, e num movimento que julgamos mais interessante, a fechadura foi utilizada para um estudo de campo sobre a potência do que se vê, a imagem que ainda virá a ser formada (ou cristalizada) com o registro fotográfico. Nesse último caso, a ferramenta necessita do auxílio de grupo pois ao se inserir numa perspectiva tridimensional, ela precisa ser usada com auxílio de um ou dois colegas, o que garantirá a firmeza do objeto para que aquele que olha pela fechadura possa movimentar a moldura menor e ir (re)descobrir um ângulo de visão do espaço. Apesar de ser pensado para as aulas de fotografia, percebemos que a ferramenta pode ser também utilizada para

provocar experiência estética similar em exercícios de observação voltados para a prática de outras técnicas bidimensionais, como o desenho de observação, por exemplo.

Conforme a moldura se movimenta, é possível que se observem detalhes diferentes do espaço, que ele seja descoberto, que revele os segredos ao olhar pela fechadura. O olhar do estudante é a chave. Essa ferramenta revelou-se interessante, pois tratando-se de alunos iniciantes na fotografia – ainda que com vasta experiência na produção de imagens para compartilhamento nos meios digitais, esta era uma oportunidade de treinarem seu olhar, pensando nas possibilidades de retratação do espaço, de realce ou apagamento de detalhes. Também foi interessante por possibilitar pensar diferentes composições a partir dos processos de reposicionamento, além de ajudar a trabalhar habilidades que são próprias do exercício fotográfico, já mencionadas anteriormente.

Interpretamos que o uso da fechadura e seus desdobramentos instigaram uma aventura, por assim dizer. Sobre o desejo pela imagem fotográfica nos diz Roland Barthes (2015):

(...) e se tal outra me interessa muito eu gostaria de saber o que, nessa foto, me dá o estalo. Assim, parecia-me que a palavra mais adequada para designar (provisoriamente) a atração que sobre mim exercem certas fotos era aventura. Tal foto me advém, tal outra não (Barthes, 2015, p. 24).

O que em outras palavras se refere à capacidade da imagem de estimular ou não aqueles que a observam e a jornada que ela oferece àqueles que a contemplam, a produzem. Era esperado que esta ferramenta atuasse no sentido da busca por esse tipo de imagem. Logo, é um implemento à experiência estética, pois consegue realizá-la de forma mais detalhada, isolando ou integrando elementos da imagem conforme a necessidade de quem utilizava a fechadura para praticar os exercícios do olhar. Ao acompanhar os estudantes no processo de produção fotográfica, entendemos a ferramenta da fechadura-moldura como uma forma de (re)conhecer o espaço escolar, que em nosso caso era bastante familiar para a maioria deles – o que poderia ser um problema, tendo em vista que nosso olhar vai se acostumando ao ambiente, normalizando-o.

Considerando os aspectos avaliativos de nossos encontros, conforme indica o Currículo Referência de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2018) para o componente curricular de Arte, foram desenvolvidas avaliações formativas que visavam verificar o progresso dos estudantes, para identificar e sanar as dificuldades que poderiam surgir ao longo do processo. Sua estrutura se baseou na observância de relações que eram estabelecidas entre o que era produzido e suas conexões com outras produções artísticas e contextos e, sobretudo, na observação dos conhecimentos construídos, a partir dos exercícios artísticos que implicam envolvimento individual e coletivo (poéticas pessoais e capacidade de interrelacionar o trabalho individual ao trabalho do grupo), como se verá a seguir nas imagens produzidas. Esta abordagem corrobora também o que é proposto por Maria Christina de Souza Lima Rizzi (2008), ao tratar dos aspectos de produção de conhecimento no campo das artes:

(...) a construção do conhecimento em arte acontece quando há o cruzamento entre experimentação, codificação e informação. Considera como seu objeto de conhecimento a pesquisa e a compreensão das questões que envolvem o modo de inter-relacionamento entre arte e público (RIZZI, 2008, p. 337).

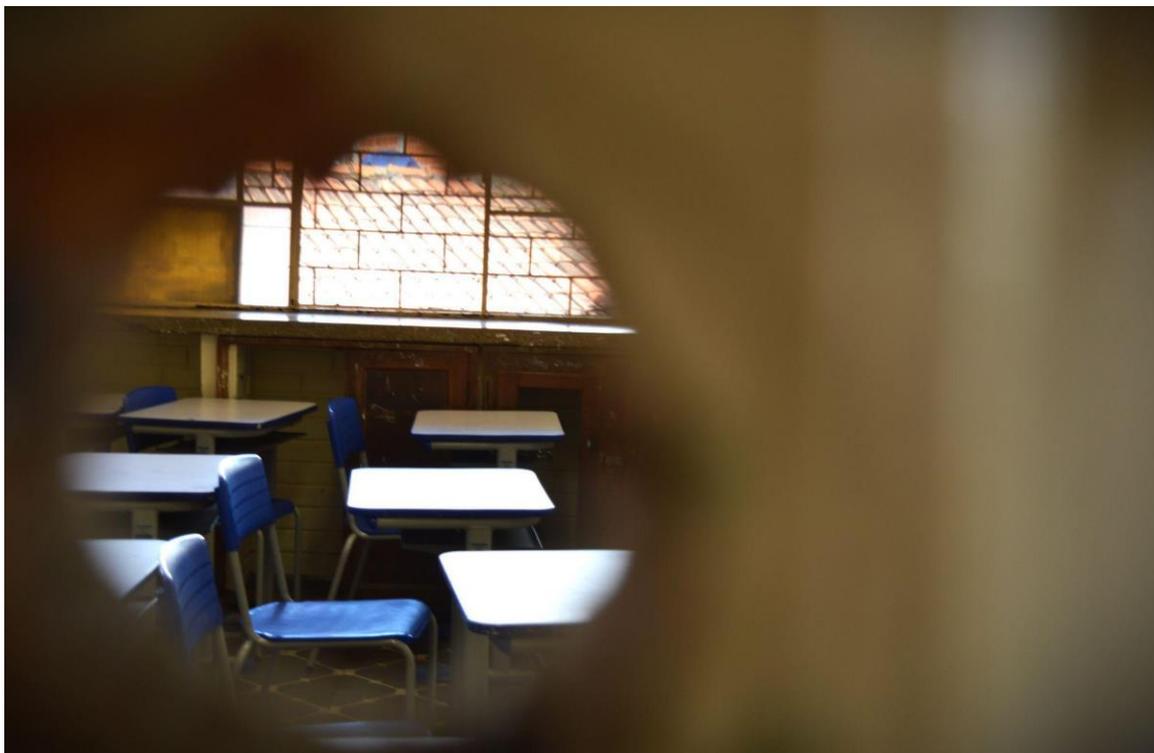
4. TÓPICOS RECORRENTES

O percurso formativo proporcionou a criação de um vasto acervo de imagens produzidas acerca da percepção do espaço escolar. Nesse sentido, foi possível observar a recorrência de alguns padrões de retratação, temáticas frequentes, que agora trazemos aqui. São eles: 1: a observação dos espaços de natureza no ambiente escolar; 2: a presença de símbolos religiosos cristãos; 3: a sensação de solidão, mesmo entre a coletividade; 4. O destaque para marcas pictóricas deixadas no espaço físico da escola e que a caracterizam esteticamente através da manifestação da identidade individual (assinaturas) e seu contraste com a coletividade; 5: os detalhes físicos vistos em ângulos variados, destacando a arquitetura da escola, com especial atenção para a retratação de suas grades, e 6: o olhar individual como conceito, buscando por pontos de vista que fossem singulares ou pouco explorados nas salas de aula e demais atividades cotidianas.

Havia por parte do grupo uma preocupação constante em expor os temas que perpassam o espaço escolar de maneira integrada à suas concepções sobre esse mesmo espaço: Um ambiente de regras, horários, que exige disciplina e até mesmo

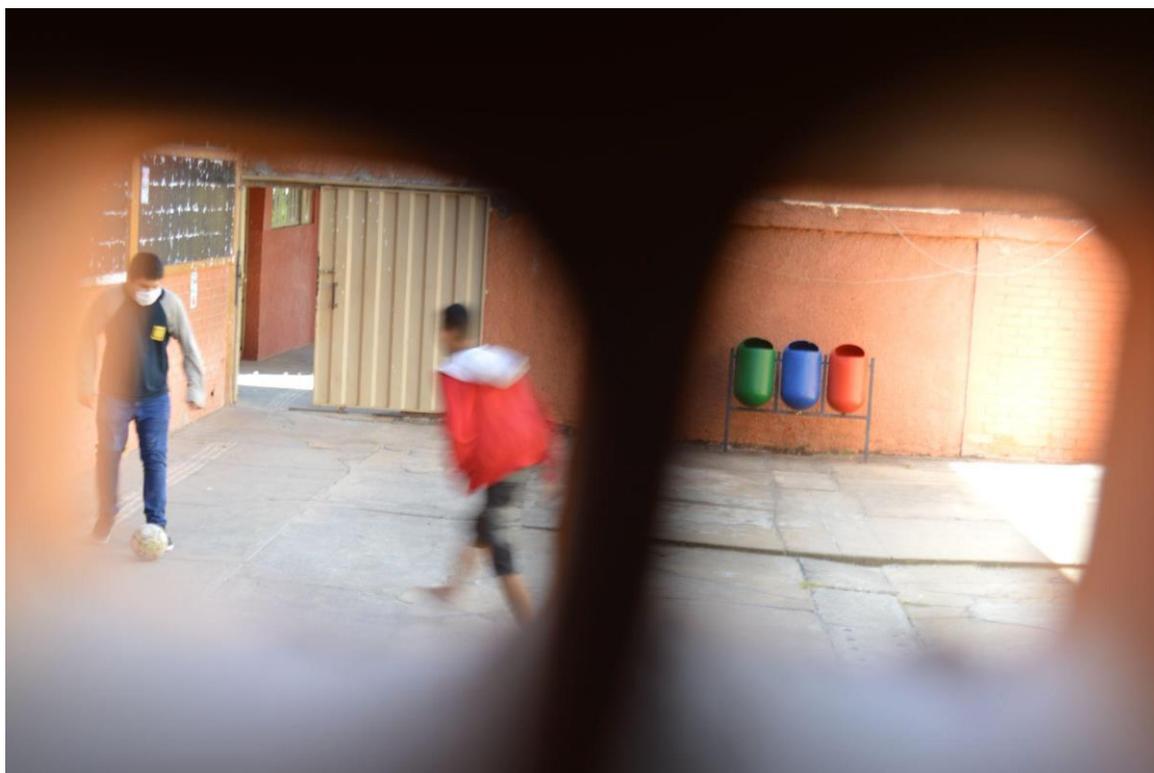
controle. Mas também um espaço de contraste social, estabelecimento de vínculos, amizades, um espaço vivo.

Imagem 4 – Fotografia da sala de aula vazia vista por uma fechadura quebrada.



Fonte: Acervo Pessoal.

Imagem 5 – Fotografia de brincadeira de bola vista pelas frestas dos tijolos do corredor principal.



Fonte: Acervo Pessoal.

Imagem 6 – Fotografia de livro aberto no corredor, final da tarde.



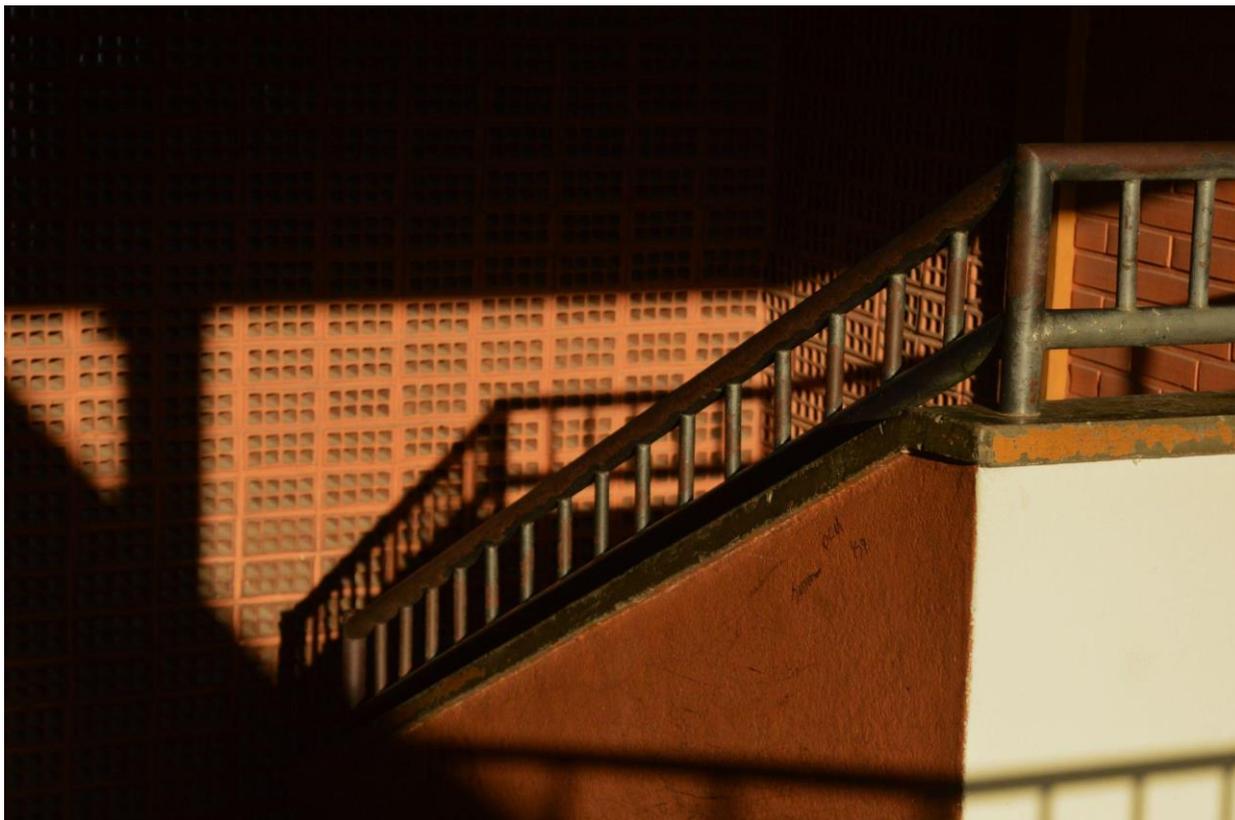
Fonte: Acervo Pessoal.

Imagem 7 – Fotografia de contra-luz da perspectiva da escada enquanto aluno observa o pátio.



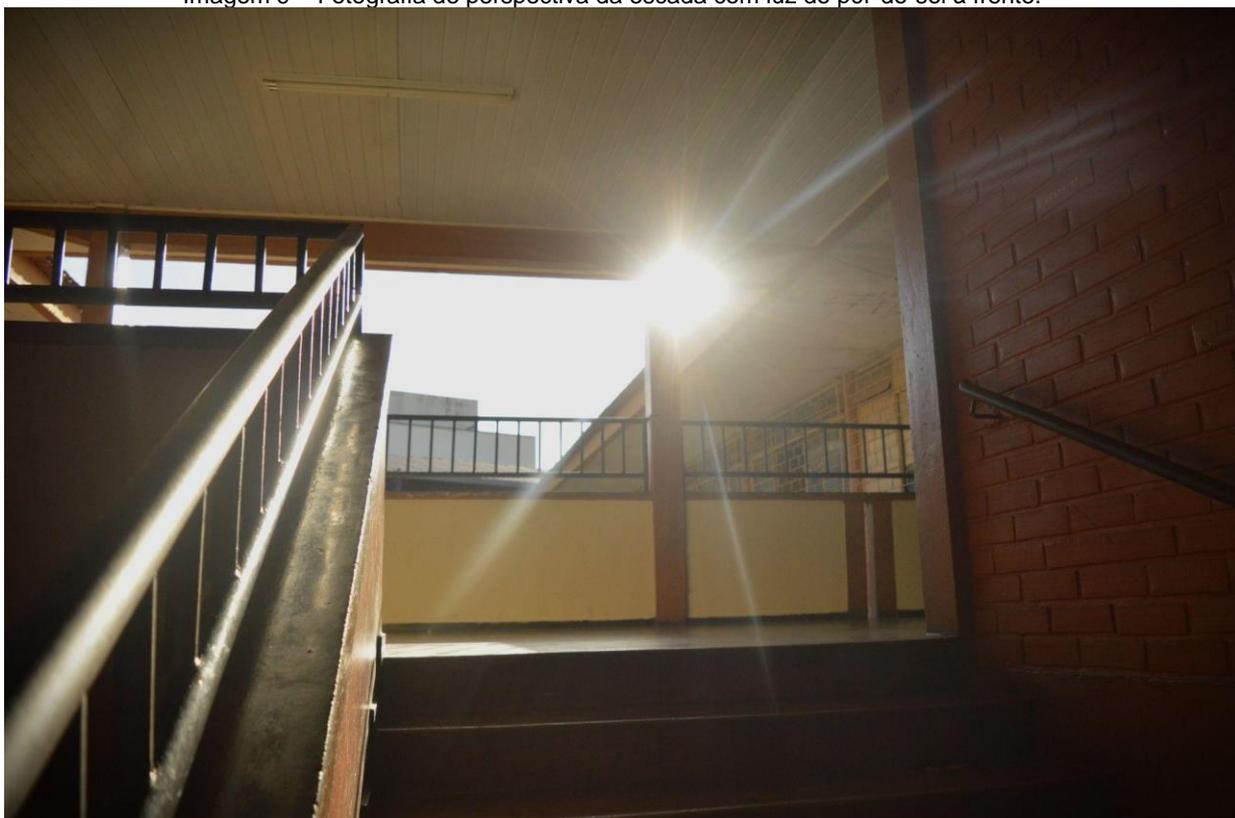
Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 8 – Fotografia de perspectiva da escada com luz do pôr-do-sol às costas.



Fonte: Acervo Pessoal.

Imagem 9 – Fotografia de perspectiva da escada com luz do pôr-do-sol à frente.



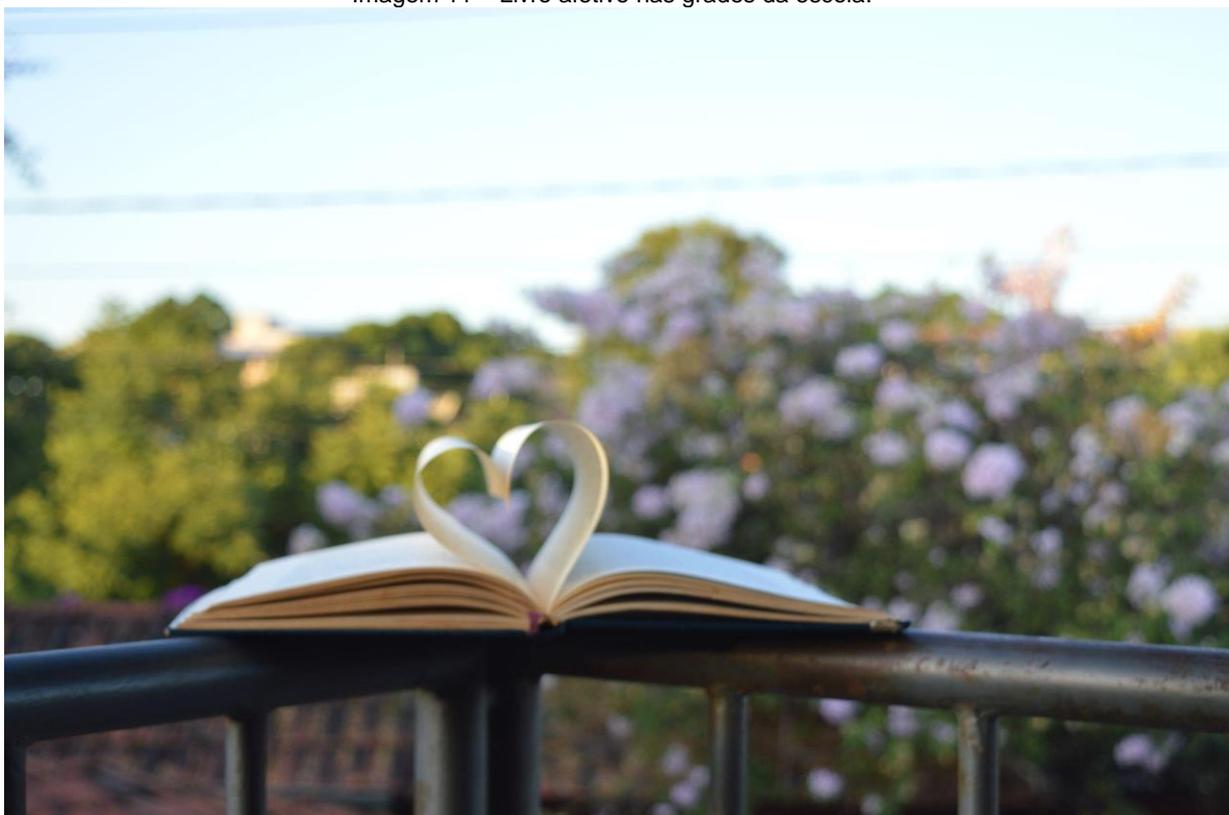
Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 10 – Fotografia da gruta da santa, que reflete a imagem da escola.



Fonte: Acervo Pessoal.

Imagem 11 – Livro afetivo nas grades da escola.

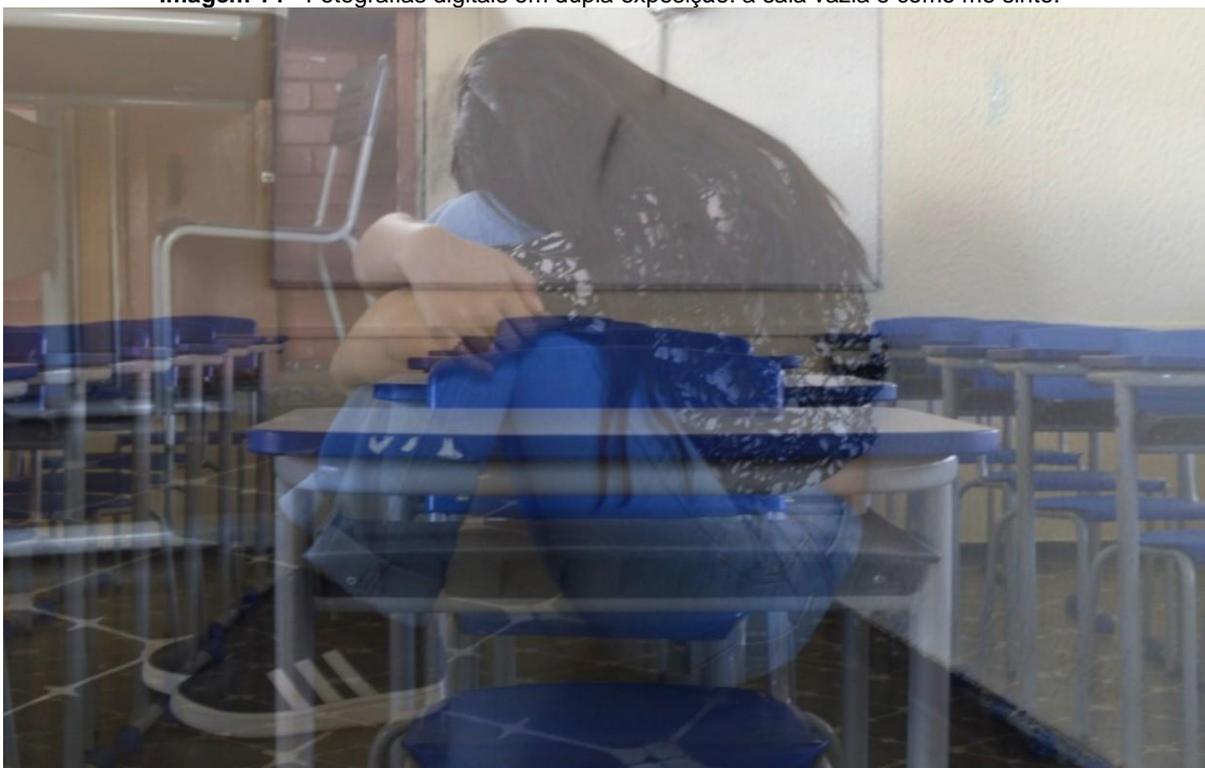


Fonte: Acervo pessoal.

Observamos nas imagens 4 e 5 o olhar de quem observa reservadamente atividades cotidianas, detalhes de brincadeiras infantis ou que destacam o mobiliário característico. Há na série uma constante sensação de solidão, expressa por exemplo pelo jovem que observa o pátio na imagem 7 ou até mesmo no livro da imagem 6, que tem suas páginas folheadas pelo vento. Percebemos também uma constante preocupação estética com a evidenciação dos ângulos do espaço escolar, e a forma como a luz se comporta sobre ele, o que se pode observar com mais clareza nas imagens 8 e 9. Outro indicador interessante fica por conta da imagem 10, que traz a retratação da gruta de uma imagem de Nossa Senhora, onde o vidro de proteção da imagem reflete a arquitetura da escola, o que traduz subjetivamente um direcionamento religioso muito específico que, acreditamos, ainda perdura na maioria das escolas públicas de Minas Gerais. Referências a imagens encontradas em sites de compartilhamento de imagens como *Tumblr* e *Pinterest* também foram um índice significativo, como podemos observar na imagem 11, que também faz sentido se pensarmos no espaço escolar como um espaço de construção e manutenção de afetividades das mais diversas ordens. Notamos ainda uma constante necessidade de reafirmação de pertencimento, o que se pode perceber nas imagem 13, que traz em destaque um grande mural de assinaturas dos nomes dos estudantes, feito principalmente com tinta corretiva e de forma espontânea ao longo dos últimos anos, e também na imagem 12, que nos mostra uma série de marcas de mão feitas à tinta e a sobreposição da mão de uma aluna sobre uma das marcas, pose feita à partir do pedido da colega que fotografava, supomos que com a intencionalidade de expressar reconhecimento, progressão temporal, identificação.

Por fim, nas aulas de fotografia digital, trabalhando a técnica da dupla exposição a partir do repertório de fotografias de cada estudante, observamos um aspecto muito presente nos debates sobre educação e sala de aula nos últimos anos.

Imagem 14 - Fotografias digitais em dupla exposição: a sala vazia e como me sinto.



Fonte: Acervo Pessoal.

Na imagem vemos em perspectiva uma sala vazia, que tem sobreposta a si a imagem de uma estudante sentada em posição contraída, não podemos ver seu rosto. Há grande contraste entre a falta de pessoas na sala e sua posição, que sugere introspecção. Sua interpretação pode estar associada ao esvaziamento do espaço escolar nos anos da pandemia de COVID-19, à dificuldade de estabelecimento de conexões e relacionamento interpessoal, enfrentada por vários estudantes, ao que pouco ou nada sabemos sobre as subjetividades daqueles que conduzimos nos processos de ensino aprendizagem, a tudo isso, ou a nada disso...

5. CONCLUSÕES

Durante as atividades de planejamento das aulas, pensamos o eixo central dessas experiências com o desdobramento da realização de uma atividade expositiva que pudesse ser a culminância das nossas reflexões sobre o espaço escolar, por meio das imagens, o que, felizmente, acabou acontecendo. Em uma última reunião, onde realizamos a auto avaliação das atividades realizadas, muito se falou sobre o

contraste dos pontos de vista de cada aluno-artista, apesar de ocuparem e fotografarem o mesmo espaço...

Nossas atividades acabaram se transformando em uma exposição fotográfica que ficou aberta à visitação pública no Museu Regional do Norte de Minas, em outubro de 2022. Com isso a atividade foi divulgada na imprensa local, como em uma reportagem impressa no jornal *O Norte*, publicada no dia 18 de outubro de 2022, no dia da abertura da exposição, e também em uma reportagem televisionada ao vivo, pela *InterTv Grande Minas*, afiliada à *Rede Globo de Televisão*, na primeira edição do jornal diário do mesmo dia.

Este relato se desenvolveu a partir das reflexões docentes que foram surgindo durante o período. É também fruto do processo empírico de criação de um clube de fotografia escolar, que pensou a retratação desse espaço e suas particularidades por meio da técnica da fotografia digital.

Ressaltamos que as construções visuais que aqui observamos dialogam diretamente com a subjetividade de seus autores, para além de que extrapolam o olhar individual ao dialogar com os repertórios daqueles que a veem, produzem outros significados sobre elas, não apenas pelas características nas imagens, mas pelas referências e relações que são possíveis de serem criadas à partir da vivência escolar de cada um que visitou a exposição ou apreciou este texto. Logo, este é um contexto educativo que extrapola a sala de aula, como já apontado por Josias Marinho de Jesus Gomes, Amanda Evelyn Oliveira do Nascimento e Cassiane Antônia Corrêa Marques (2022) ao tratar da prática fotográfica no contexto do ensino remoto:

“Ao recuperar aquilo que foi vivido se produz sentido sobre como aprendemos com nossas próprias práticas. Não se trata da aprendizagem do conteúdo, mas, da aprendizagem sobre as formas coletivas de produção de conhecimento no/sobre o mundo” (GOMES; OLIVEIRA DO NASCIMENTO; CORRÊA MARQUES, 2022, p.293).

Concluimos ainda que o espaço escolar como um espaço geográfico e referencial, a partir das imagens produzidas sobre ele, para além de retratado é (re)construído. Isto pois os índices e reflexões que são produzidos imagetivamente (re)organizam nossa percepção sobre ele. É, para além de físico, um território simbólico, habitado por aqueles que o vivem, que performam suas existências a partir desse referencial. O

espaço escolar é reconstruído, nasce de novo quando quem o habita produz artisticamente sobre ele. Estas imagens nos dizem muito sobre vivências escolares e identidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços literários de suas expansões. In: Aletria, v.15, jan.-jun. 2017. p. 207-220.

GOMES, J. M. de J. .; OLIVEIRA DO NASCIMENTO, A. E.; CORRÊA MARQUES, C. A. Um olhar fotográfico: das relações presenciais ao ensino remoto em tempos de pandemia. Revista Ponto de Vista, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 01–14, 2022. DOI: 10.47328/rpv.v10i3.13283. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/13283>. Acesso em: 26 maio. 2023.

PASTOR, L., & LEMOS, A. (2018). A Fotografia como Prática Conversacional de Dados: espacialização e sociabilidade digital no uso do Instagram em praças e parques na cidade de Salvador. Comunicação Mídia E Consumo, 15(42), 10–33. <https://doi.org/10.18568/cmc.v15i42.1611>

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). Ensino da arte: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SANTOS, Francisco Coelho dos; & CYPRIANO, Cristina Petersen. (2014). Redes sociais, redes de sociabilidade. Revista Brasileira De Ciências Sociais, 29(85), 63–78. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200005>. Acesso em: 26 maio. 2023.